

RUMO À V CONFERÊNCIA DE APARECIDA CAMINHOS DE PREPARAÇÃO E SIGNIFICADO DO EVENTO

Agenor Brighenti

Este ano será muito especial para a Igreja em nosso Continente, de modo particular, para a Igreja no Brasil. Terá lugar no Santuário de Aparecida, a V Conferência dos Bispos da América Latina e o Caribe. Estarão presentes bispos delegados das 22 Conferências Episcopais Nacionais, além de representantes dos leigos, diáconos, religiosos e presbíteros do Continente. Um grupo de teólogos prestará assessoria à Assembléia.

A Conferência de Aparecida será a V Assembléia dos Bispos da América Latina e o Caribe. A Primeira Conferência aconteceu no Rio de Janeiro, em 1955, por ocasião da realização do Congresso Eucarístico Internacional, organizado por Dom Hélder Câmara. A Segunda teve lugar em Medellín, em 1968, com o objetivo de aplicar o Concílio Vaticano II na América Latina. Foi a mais importante e a mais original das quatro conferências até aqui realizadas. Ela contou com a presença do Papa Paulo VI na abertura dos trabalhos. A Terceira, deu-se em Puebla, em 1979, com a presença do Papa João Paulo II. Ela aconteceria no ano anterior para celebrar os dez anos de Medellín, mas a morte de Paulo VI fez adiar o evento para o ano seguinte. A Quarta Conferência deu-se em Santo Domingo, em 1992, por ocasião da celebração dos 500 anos de evangelização da América e, também, teve a presença do Papa João Paulo II na abertura dos trabalhos.

Neste texto, no intuito de contribuir com a sintonia de nosso povo com tão importante evento, oferecemos alguns elementos, mais de informação do que de reflexão, em torno às quatro conferências anteriores e, à atual – a quinta, que estamos prestes a celebrar. Como método de trabalho, vamos recorrer à memória, dispensando citações e aparato crítico, o que não significa que não tivemos o cuidado de revisitar fontes, para certificar-se de certos dados.

1. A Conferência de Aparecida: temática e processo de preparação

Já há alguns anos, bispos da América Latina e o Caribe vinham pensando na necessidade de realização de uma Quinta Conferência, ainda que outros afirmassem que, com a realização dos Sínodos continentais, estes eventos já pertenciam ao passado. Pensava-se para o ano de 2005, para celebrar os 50 anos da Primeira Conferência do Rio de Janeiro (1955) e, também, da criação do Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM. Entretanto, dada a enfermidade do papa João Paulo II, a Quinta Conferência teve data marcada para 2007. Inclusive, esse era um dos motivos alegados para que ela se realizasse não na América Latina, mas em Roma. Com o falecimento do papa enfermo e a pedido do CELAM, o novo papa eleito, Bento XVI, tomou a decisão final de realizá-la em solo latino-americano. E pediu que tivesse lugar em um grande Santuário mariano. Optou-se por Aparecida, ainda que em um primeiro momento se houvesse pensado em realizá-la em Quito e, num segundo, na Argentina ou no Chile.

O tema da Conferência de Aparecida

A V Conferência tem por tema – *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*; e, por lema – *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”* (Jo 14,6). Segundo o *Documento de Participação* – o texto oficial do CELAM, dirigido às comunidades eclesiais para estudar e dar sugestões sobre o tema, o objetivo da Conferência é mobilizar a Igreja em uma grande missão continental. Curiosamente, este objetivo já não aparece no *Documento de Síntese*, que recolhe as contribuições ao documento anterior. Em todo caso, constata-se a apatia dos cristãos diante da realidade atual, marcada por uma globalização excludente; a dificuldade da Igreja em dar respostas concretas às necessidades reais das pessoas que ocorrem aos templos; a sangria de católicos para os movimentos pentecostais; a grande quantidade de católicos de nome, sem participação concreta em uma comunidade de fé, etc. A V Conferência quer ser uma convocação de todos os católicos, para reavivarem seu encontro pessoal com Jesus Cristo, tornando-se discípulos dele e missionários em sua Igreja.

O pano de fundo da temática é a vida, elemento central da mensagem cristã, tal como se auto-apresentou Jesus – *“Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”* (Jo 10,10). Na verdade, em nosso Continente, são muitos os sinais de morte, presentes em toda parte. A dignidade humana é continuamente profanada, seja por um sistema economicista, seja por uma cultura mercantilista, onde tudo é vendido, desde o corpo até a religião. Os valores evangélicos, que são autênticos valores humanos, vêm sendo substituídos por anti-valores como o individualismo, o consumismo e o hedonismo. Além disso, nosso mundo é composto de ilhas de prosperidade, onde habitam 20% de privilegiados, rodeadas por um mar de miséria por

todos os lados, onde sobrevivem na informalidade os 80% de excluídos. A Igreja não pode ficar indiferente a isso.

Caminhos de preparação

Em outubro de 2005, após consulta às Conferências Episcopais Nacionais, o CELAM publicou um texto com reflexões sobre a temática, denominado “Documento de Participação”. O texto foi dirigido a todas as Dioceses da América Latina e o Caribe para estudo, discussão e apresentação de sugestões, até novembro de 2006. No final do Documento, estavam anexadas 16 fichas para esse trabalho. O resultado deveria ser recolhido pela Conferência Episcopal de cada país e enviado ao CELAM até o final do mês de novembro de 2006.

No Brasil, a CNBB elaborou um livrinho para reuniões de grupos de família com o conteúdo do *Documento de Participação* e foi enviado a todas as Dioceses, condensando as dezesseis fichas em quatro. As respostas às fichas deveriam ser recolhidas pelos Regionais e enviadas à CNBB até o final do mês de maio, para que se pudesse elaborar a síntese final das contribuições da Igreja no Brasil ao Documento de Participação. No final de novembro, a síntese deveria ser enviada ao CELAM.

Diga-se de passagem que, de acordo com as contribuições da Igreja no Brasil, o tema da V Conferência foi apreciado, mas o *Documento de Participação* não foi tão bem recebido. Achou-se importante reavivar o discipulado e a missão na Igreja hoje, mas sem perder de vista o enfoque dado pelo Concílio Vaticano II e pela tradição da Igreja na América Latina. Entre outras coisas, fala-se que, do Vaticano II, não se pode perder de vista: a leitura dos sinais dos tempos como ponto de partida para a reflexão e a ação da Igreja; a eclesiologia ou a auto-compreensão da Igreja como “Povo de Deus”, peregrinando na história com toda a humanidade; a Igreja como sinal e instrumento do Reino de Deus no mundo, em diálogo e serviço com todas as pessoas de boa vontade; a dimensão comunitária e social da fé e o compromisso profético; a Igreja Local como realização e presença da Igreja como um todo, etc.

Com relação à tradição latino-americana, as contribuições da Igreja no Brasil ao *Documento de Participação* insistem nas opções irrenunciáveis, feitas com suor e sangue pela Igreja na América Latina, entre outras: a opção pelos pobres, numa sociedade cada vez mais excludente; a opção pelas CEBs, como forma genuína de ser Igreja comunidade de serviço, toda ela ministerial; pela justiça social, que passa pela libertação de todo tipo de opressão; enfim, pela defesa da dignidade humana pela comunhão e participação, pela inculturação, pelo protagonismo dos leigos, pelos jovens e pela solidariedade latino-americana e mundial, etc.

Com base nas contribuições da Igreja na América Latina e o Caribe, enviadas pelas 22 Conferências Nacionais de Bispos até novembro passado,

durante o mês de janeiro, um grupo de assessores junto ao CELAM redigiu o *Documento de Síntese*, que uma vez submetido à Cúria Romana e feitas diversas adequações, foi encaminhado para publicação. É um subsídio que os delegados terão em mãos, mas que não necessariamente será ponto de partida dos trabalhos da Assembléia em Aparecida.

Neste tempo de preparação, houve uma relativa mobilização das Igrejas Locais. O CELAM promoveu diversas reuniões de trabalho, junto a segmentos da Igreja no Continente, com o objetivo de recolher contribuições. Em alguns países, houve igualmente uma série de eventos. No Brasil, a CNBB foi bastante ativa. Todos os Regionais se envolveram nos trabalhos, assim como a maioria das Dioceses. Entretanto, constata-se bastante ceticismo. O realismo diante da conjuntura da Igreja na atualidade, como também da sociedade, impõe um encolhimento da esperança, para a desesperança dos pobres, que esperam muito da Igreja.

2. Recordando as quatro Conferências anteriores a Aparecida

No caminho rumo a Aparecida, nos encontramos com as quatro Conferências já realizadas pelo Episcopado da América Latina e o Caribe. Elas constituem momentos fortes na vida da Igreja no Continente, pois conformam a “tradição latino-americana” ou um magistério latino-americano. Não podemos desconhecer suas contribuições, sob pena de perder de vista a evolução dos tempos e não fazermos história de salvação. Vejamos o contexto em que cada uma delas foi realizada, os desafios com os quais se confrontaram e as respostas pastorais que propuseram.

A Primeira Conferência – Rio de Janeiro (1955)

O contexto. A Conferência do Rio situou-se ainda no período de neocristandade, anterior ao Concílio Vaticano II. A Igreja se auto-compreendia como o único meio de salvação (eclesiocentrismo), em uma sociedade que devia reger-se pelos “direitos de Deus”. Evangelizar significava reconquistar os católicos que saíram da Igreja por causa do comunismo, do protestantismo, da maçonaria anti-clerical e laicista ou das religiões afro misturadas com o espiritismo, como a umbanda no Brasil. Na esfera econômico-política, a América Latina vive sob o regime populista-nacionalista, mas já com ares desenvolvimentistas, mergulhada no processo de industrialização. Em relação ao mundo, a Igreja mantém uma postura apologética, isto é, de ataque aos erros da modernidade e de defesa de seu lugar primordial na sociedade.

Desafios e respostas pastorais. A Conferência do Rio tem duas preocupações básicas: a promoção e a formação dos agentes eclesiais, sobretudo o

clero, e a integração latino-americana. A primeira busca dar resposta às “ameaças” à fé católica, responsáveis pela perda de fiéis; a segunda aspira somar esforços para afrontar os problemas internos e externos, como o crescimento da insatisfação entre os setores populares e o avanço do comunismo. Como respostas pastorais concretas a estes desafios, o *Documento do Rio* propõe formar melhor o clero, os primeiros responsáveis pelo combate às ameaças ao catolicismo. E para ir “reconquistar” os que deixaram a Igreja, dado que o clero não é mais benquisto nos meios laicistas, se recomenda formar melhor os leigos, especialmente em Bíblia, que os protestantes conhecem melhor que os católicos. Com relação à solução dos problemas sociais, especialmente dos setores mais afetados, como os negros e os indígenas, propõe-se o estudo da Doutrina Social da Igreja e a prática de obras de caridade.

A Segunda Conferência – Medellín (1968)

O contexto. No Rio, os bispos haviam pretendido iluminar os passos da Igreja, pelo menos uns dez anos para frente, mas o documento já nasceu morto, ultrapassado pelos acontecimentos. Por um lado, a postura de defesa e de ataque frente aos “erros” do mundo moderno, logo seria superada pela atitude de diálogo e de serviço promovida pelos movimentos que preparavam o Concílio Vaticano II (os movimentos bíblico, litúrgico, teológico, catequético, ecumênico, etc.); e, por outro, no campo social, vai-se tomar consciência de que o grande problema não é a ameaça do comunismo, pois ela é apenas consequência do crescimento da pobreza e a consequente revolta popular, sufocada por golpes militares, que fazem milhares de vítimas em todo o Continente. A Igreja, em Medellín, foi profética e inspiradora. Apoiada no Vaticano II (1962-1965), do qual se propõe fazer uma “recepção criativa”, e assumindo a causa dos pobres, ela compreendeu que “a Igreja só será de todos se for a Igreja dos pobres” (João XXIII). A encíclica *Populorum Progressio* (1967), do papa Paulo VI, que teve a contribuição de Dom Manuel Larraín e Dom Hélder Câmara, ajudava os cristãos a tomar consciência de que o “subdesenvolvimento dos países subdesenvolvidos é um subproduto do desenvolvimento dos países desenvolvidos”.

Desafios e respostas pastorais. Os bispos, em Medellín, se propõem ajudar a responder a quatro desafios principais: primeiro, o grave fenômeno da pobreza, que ameaça a vida de grande parte da população; segundo, desenvolver uma ação evangelizadora que chegue aos setores populares e também às elites; terceiro, promover uma libertação integral, que harmonize simultaneamente mudança pessoal e mudança das estruturas; e, quarto, promover um novo modelo de Igreja – autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal. Como respostas pastorais concretas a estes desafios, o *Documento de Medellín* propõe a vivência da fé cristã em comunidades eclesiais de base, alicerçadas na leitura popular da Bíblia; uma evangelização que promova a vida em todas as dimensões da pessoa;

a opção pelos pobres, contra a pobreza, como forma de testemunho do Evangelho de Jesus Cristo; uma reflexão teológico-pastoral, ancorada nas práticas libertadoras; a presença profética no seio da sociedade, sem medo de ir até o fim, na defesa dos excluídos, etc.

A Terceira Conferência – Puebla (1979)

O contexto. Entre Medellín e Puebla, há um agravamento da situação sócio-política, com o aumento da brecha entre ricos e pobres. A pretensa política anti-comunista americana contribui para a repressão popular e o avanço do liberalismo capitalista. Há, entretanto, resistência e milhares são os prisioneiros políticos, os mortos e os mártires. No âmbito eclesial, há um acirrado debate entre os setores conservadores e progressistas com relação às opções de Medellín e às alternativas de mudança social. A teologia da libertação é colocada sob suspeita de marxismo ou de excessiva politização da fé. Os movimentos de espiritualidade, sobretudo o pentecostalismo católico, polemizam com a ação pastoral libertadora. Um sopro de alento seria a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, que além de assumir muitas teses da teologia latino-americana, supera a falsa separação entre evangelização e promoção humana, unindo intimamente evangelização e libertação, na linha da *Gaudium et Spes*.

Desafios e respostas pastorais. Os grandes desafios de Puebla estarão marcados pela ótica conservadora do novo pontificado de João Paulo II. Com relação à pobreza, o documento acrescenta adjetivos à opção pelos pobres – amor, não opção; preferencial, mas não exclusivo. É o medo da luta de classes que, no fundo, é a dificuldade de romper com privilégios por estar ligada aos ricos. Também acrescenta a “opção pelos jovens”, como se a opção pelos pobres fosse apenas um campo de ação e não uma ótica da evangelização como um todo. Com relação à secularização, fala da perda do “substrato católico” e propõe, na linha da *Evangelii Nuntiandi*, uma evangelização da cultura. Deixa transparecer, entretanto, o saudosismo do período da cristandade, em que a sociedade estava alicerçada sobre uma cultura cristã.

A Quarta Conferência – Santo Domingo (1992)

O contexto. Santo Domingo se dá no contexto da celebração dos 500 anos de evangelização na América Latina e o Caribe, da caída do Muro de Berlim, em 1989, de triunfalismo do sistema liberal capitalista, de ceticismo diante das possibilidades de mudança e de refúgio no pragmatismo do cotidiano. A falta de alternativas contribui para a desmobilização da militância. No campo eclesial, ela tenderá a encontrar refúgio em uma mística, restrita à esfera da subjetividade. A fragmentação do tecido social leva também a uma fragmentação do tecido eclesial, afetando o paradigma de Igreja-comunida-

de pela emergência de projetos pessoais e de massa. O vazio de racionalidade, fruto da crise da modernidade, é preenchido por movimentos de corte emocionalista, desejosos de uma experiência religiosa mais respeitosa das razões do coração.

Desafios e respostas pastorais. Três preocupações nortearam a Conferência de Santo Domingo, definidas pelo papa João Paulo II: a necessidade de uma nova evangelização, com novos métodos, novo ardor e em novas expressões; a promoção humana, como encarnação do evangelho da vida; e a cultura cristã como horizonte da presença da Igreja na sociedade. Como respostas concretas ao desafio da nova evangelização, Santo Domingo propõe o protagonismo dos leigos e uma catequese e liturgia renovadas. Com relação à promoção humana, com timidez, se reafirma a opção preferencial pelos pobres, dando ênfase à defesa e promoção da vida e da família. Com relação à cultura cristã, o Documento propõe fazer frente à cultura urbana ou moderna, sobretudo através da educação e dos meios de comunicação.

3. A irrenunciável tradição latino-americana

A Conferência de Aparecida se insere em um longo e rico caminhar da Igreja no Continente, que não pode ser ignorado. Em relação às Conferências anteriores, pesa sobre Aparecida o desafio de assumir o que delas permanece atual e dar um passo adiante, iluminando e inspirando a Igreja em sua missão, na fidelidade ao Evangelho e à realidade. Entretanto, todos conhecemos os medos atuais da Igreja, diante de nosso contexto de crise de civilização, das ciências, das utopias, das instituições, incluídas as religiões. Infelizmente, em lugar da audácia da tessitura do risco das novas respostas às novas perguntas, está muito presente a tentação das velhas seguranças do passado. Eles estão presentes, tanto no *Documento de Participação* como no *Documento de Síntese*.

De uma Igreja reflexo, a uma Igreja com palavra própria

Com exceção dos últimos quarenta anos, os quinhentos anos de evangelização na América Latina e o Caribe foram marcados pela implantação de um catolicismo eurocêntrico e romanizado. Acolher o Evangelho implicava rejeitar a própria cultura e viver a fé no modo de uma cultura alheia. Entre evangelizar e colonizar havia laços intrínsecos, que provocava desenraizamento, negação de seus próprios valores e aculturação, isto é, negação da própria identidade.

Dentro destes moldes, a evangelização na América Latina passou por duas etapas distintas. A primeira se estende durante o período colonial, no qual o catolicismo é fundamentalmente *luso* ou *castelhano*, isto é, de importação,

na medida em que vêm de Portugal ou da Espanha a maioria das devoções, bem como o apreço das procissões, o hábito das romarias e a crença nos milagres. A segunda etapa da evangelização se estende durante o período republicano, no qual a Igreja busca implantar a reforma de Trento, o chamado catolicismo renovado. Trata-se de um catolicismo *romano*, na medida em que o Papa, assumindo a direção da Igreja católica pelo rompimento com o Regime do Padroado, busca romanizar os caboclos pela música, a liturgia, as procissões, as festas, a distribuição de fitas e rosários, pela adoração de relíquias do Santo Lenho, etc. A marca tridentina está na dogmática e na moral, fazendo frente ao perigo das infiltrações protestantes, bem como na sacramentalização, com especial relevo ao culto eucarístico. O clero centraliza toda a ação eclesial. Característica comum destes dois modelos é que, em grande medida, a cultura do outro (indígenas, negros, caboclos) é subjugada, sua identidade destruída e, sua religião, satanizada. Trata-se de um catolicismo monocultural, imposto na versão de uma cultura que vem de fora. No período colonial, tornar-se católico equivale a tornar-se vassalo do rei e, no período republicano, significa viver a fé no modo romano.

O Vaticano II como fundamento da tradição latino-americana

O Concílio Vaticano II fez uma ruptura radical com o eclesiocentrismo do catolicismo medieval e com o clericalismo e a romanização do cristianismo tridentino. Elaborou uma nova auto-compreensão da Igreja, em diálogo com o mundo moderno e em espírito de serviço, especialmente aos mais pobres. Entre as intuições e eixos fundamentais do Concílio, que estão na base da tradição latino-americana, podemos citar:

- A distinção entre Igreja e Reino de Deus. O Reino é mais amplo do que a Igreja, que é uma de suas mediações, ainda que privilegiada. Enquanto servidora do Reino, seu raio de atuação, portanto, vai além de suas próprias fronteiras.
- A Igreja Católica, mediadora da salvação de Jesus Cristo, se dá na Igreja Local. A diocese não é uma parcela, mas porção da Igreja universal, pois nela está a Igreja toda, ainda que não se constitua em toda a Igreja. A Igreja é “Igreja de Igrejas”. É a legitimação de uma Igreja autóctone, com rosto próprio.
- O primado da Palavra na vida e missão da Igreja. Ela mesma é fruto desta palavra acolhida e feita vida. Portanto, evangelizar não é sacramentalizar, mas, antes tudo, ser testemunha e profeta da Palavra salvadora do Deus.
- A afirmação da base laical da Igreja. Há uma radical igualdade em dignidade de todos os ministérios, pois todos se fundam no mesmo e único batismo. A Igreja é, portanto, Povo de Deus, uma comunidade toda ela ministerial.

- A unidade da fé tecida em torno ao *sensus fidei* – o sentir comum da fé dos fiéis. Nele se insere também o magistério, em espírito de colegialidade, inclusive o papa, *primus inter pares*.
- A Igreja, que não é deste mundo, mas que está no mundo e existe para a salvação do mundo. Cabe-lhe, portanto, ser uma presença de serviço, numa postura de diálogo, buscando, juntamente com toda a humanidade, respostas ao desafio da edificação de um mundo justo e solidário para todos.

Os pilares da tradição latino-americana

Trilhando os caminhos abertos pelo Concílio Vaticano II, nos últimos quarenta anos, a Igreja na América Latina começou a plasmar-se um rosto próprio, passando de ser uma “Igreja-reflexo” a uma Igreja com identidade e palavra própria. A identidade está presente em sua maneira de conceber e viver a fé cristã na Igreja e na sociedade e, sua palavra própria, na elaboração da teologia latino-americana ou da libertação. É a “tradição latino-americana”, que pode ser encontrada na vida da Igreja e também nos Documentos das quatro Conferências Gerais do Episcopado. A exemplo do Vaticano II, também destas Conferências, há intuições e opções, que não passam e precisam estar presentes em Aparecida.

- *O que é irrenunciável da Conferência do Rio de Janeiro*: a necessidade do contínuo aprimoramento da formação do clero, hoje, um dos pontos de estrangulamento da pastoral; a divulgação e o estudo da Bíblia, condição para fazer frente ao avanço dos movimentos religiosos autônomos; a atenção especial aos indígenas, negros e camponeses, ainda os mais pobres entre os pobres; a necessária e urgente integração da Igreja no Continente, em vista de uma maior eficácia de sua ação em prol de todos, etc.
- *O que é irrenunciável da Conferência de Medellín*: a profética e audaz opção pelos pobres, em um Continente e num mundo em que a brecha entre ricos e pobres não cessa de crescer; uma evangelização libertadora, que responda a perguntas reais, aterrissando a escatologia na história; a simultaneidade da conversão pessoal e das estruturas como condição à eficácia do amor, num mundo marcado pela injustiça estrutural; um novo modelo de Igreja – pobre e em pequenas comunidades – como sinal e instrumento do Reino de Deus no coração da história; a necessidade de uma reflexão teológica articulada com as práticas, em especial dos mais pobres, como forma de encarnação da mensagem revelada numa realidade marcada pela injustiça e a opressão, etc.
- *O que é irrenunciável da Conferência de Puebla*: a importância de uma correta concepção de Jesus Cristo, da Igreja e do ser humano para uma autêntica evangelização; o desafio da secularização crescente, que absolutiza o relativo e relativiza o absoluto; a prioridade de atenção aos

jovens, futuro mediato da Igreja e da sociedade; a valorização da religiosidade popular, uma importante forma de inculturação da fé, etc.

- *O que é irrenunciável da Conferência de Santo Domingo*: a busca da santidade, como primeira vocação do cristão e primeiro meio de evangelização; o protagonismo dos leigos na evangelização, não pela vantagem numérica em relação ao clero, mas por seu lugar privilegiado no coração no mundo; a evangelização enquanto inculturação do evangelho, no respeito à liberdade das pessoas e sua identidade cultural, etc.

4. O contexto sócio-eclesial da Conferência de Aparecida

A situação de nossos povos, de norte a sul do Subcontinente latino-americano, estará presente em Aparecida. Os bispos e os demais delegados chegarão carregados dos desafios que nosso momento histórico apresenta à Igreja. Além disso, está prevista a presença em Aparecida, durante a realização da Conferência, de romarias, caravanas, marchas de agentes de pastoral e a realização, ao redor do Santuário, de seminários, acampamentos e jornadas de estudo. A finalidade é animar os participantes da V Conferência a não defraudar a esperança de nossos povos, sobretudo a dos pobres, que naqueles dias terão seus olhares voltados para Aparecida.

O contexto das quatro Conferências anteriores

O mundo mudou muito nestes últimos cinquenta anos e, com ele, a América Latina e o Caribe. A Conferência do Rio de Janeiro (1955) aconteceu ainda num contexto agrário, com a maioria da população vivendo ainda na área rural; no plano eclesial, perdurava a neocristandade, cujos principais desafios eram o protestantismo e a falta de clero. Já Medellín (1968) realizou-se em uma América Latina em pleno processo de industrialização, de invasão das multinacionais e de exploração da mão-de-obra operária, com o conseqüente protesto e resistência da sociedade civil, reprimida por ditaduras militares, patrocinadas pelos Estados Unidos, que estava em franca guerra-fria com a União Soviética. A Conferência de Puebla (1979) esteve inserida no contexto da nova estratégia do capitalismo, arquitetada pela Comissão Trilateral – Estados Unidos, Alemanha e Japão. Por um lado, se dava o avanço de um capitalismo selvagem e, de outro, a ofensiva dos movimentos populares, que já contavam com seus milhares de mártires, inclusive bispos. No campo eclesial, o medo do comunismo aumentava o conservadorismo e a teologia da libertação é colocada sob suspeita. Por sua vez, Santo Domingo (1992) aconteceu em um momento de perplexidade. A caída do Muro de Berlim, para uns significava desencanto com a utopia de um mundo justo e solidário, para outros, triunfo do capitalismo e expansão de um mercado

globalizado. Acuada e sem profetismo, a Igreja não conseguiu emitir as luzes que se esperavam dela.

O contexto sócio-econômico e político atual

Estamos vivendo um tempo marcado por profundas transformações, em todos os campos, que nos mergulham em um contexto de crise. Com a queda de outro muro – o “Muro das Torres Gêmeas”, já não há estabilidade, nem dentro das estruturas do mercado globalizado atual, na nova etapa do sistema liberal-capitalista. Em meio a turbulências e tribulações, ainda não é possível vislumbrar com clareza onde vai desembocar esta crise. Tudo o que sabemos é que vivemos um tempo de passagem, que esperamos seja um tempo pascal. Para isso, mais do que apressar-se a fazer coisas, o importante é discernir quais são as novas perguntas, que exigem o ensaio de novas respostas. Receitas seguras, só as de ontem, mas que já não servem para hoje.

Deste tempo pascal, podemos identificar algumas características desconcertantes:

- *A passagem para uma sociedade do conhecimento, a era do acesso.* Estamos em uma nova fase do capitalismo, em que a verdadeira propriedade, já não é o capital, mas o conhecimento. O poder está nas mãos daqueles que produzem conhecimento e informação. Conseqüentemente, os novos excluídos são os não conectados, os que não têm acesso ao conhecimento.
- *A passagem do estático à inovação constante.* Hoje, os dividendos e o acúmulo dos ganhos da produção, não são distribuídos, mas aplicados na criação de novas tecnologias, cada vez mais aperfeiçoadas. A última invenção sai ao mercado com seus dias contados. É o mundo do provisório, do passageiro, do descartável e do efêmero. Há um encolhimento da utopia ao momentâneo.
- *A passagem da escassez para a abundância, que produz pobreza.* Pela primeira vez na história da humanidade, não há o perigo da escassez: a abundância venceu a escassez. Mas, também pela primeira vez, a pobreza é produzida pela riqueza. A riqueza de uma minoria se alimenta da escassez da maioria. Mais do que nunca, o pobre é um empobrecido.
- *A passagem da sociedade à multidão.* Por um lado, as instituições, em geral atreladas ao mercado, deixaram as pessoas órfãs de sociedade. Por outro, as pessoas tomaram distância delas, internalizando as decisões, esvaziando-as. Dá-se a passagem da sociedade à multidão, entendida esta como os sujeitos, autônomos e dispersos, mas não isolados, constituindo como que ‘comunidades invisíveis’.
- *A passagem do social ao cultural.* Na aurora da modernidade, deu-se a passagem do religioso ao político, com o aparecimento dos conceitos

de estado, nação, soberania, povo, partido político. Depois, se deu a passagem do político ao social, com o surgimento dos conceitos de classe, movimentos sociais, sujeitos sociais. Hoje, dá-se a passagem do social ao cultural, com a emergência, para além das instituições, do indivíduo hiper-narcisista, hiper-individualista e hiper-consumista.

- *A passagem da estabilidade a uma sociedade do risco.* Ninguém está seguro; ronda continuamente o fantasma da instabilidade, que gera medo. O sistema se nutre de pessoas submissas ao medo da escassez, da violência, da doença, etc. Hoje, o medo, enquanto paralisa e acovarda, é o principal fator de submissão a uma ordem injusta e excludente.

O contexto religioso e eclesial atual

Contra todo diagnóstico, hoje, a religião não cessa de crescer. A busca desenfreada pelo 'ter', regida pela produtividade e pelo lucro, havia deixado sem respostas as questões ligadas ao 'ser', à vida. Daí o retorno do religioso, mas não às religiões institucionais. Estamos invadidos por uma religiosidade eclética e difusa, uma espécie de neopaganismo, com generosa oferta de crenças, em um mercado do religioso. Hoje, a experiência religiosa é, cada vez menos, fator de sentido, de identidade e enraizamento e, cada vez mais, resposta a angústias, porto de certezas, que se exprime na busca de bem-estar material e de saúde física e psíquica.

Dada a exclusão crescente de amplos segmentos da população, a religião colou-se de tal modo às necessidades primárias da vida, que se transformou em puro reflexo da materialidade das condições de sobrevivência. A religião, hoje, adquire um sentido imediato e pragmático, ligada à magia, à cura, ao exorcismo, ao esoterismo, à benção, ao milagre, etc. Muito pouco exigente do ponto de vista ético, mas eficiente no nível místico, em termos de festa, êxtase, catarse e emoção. O pentecostalismo, em grande medida, integra esta corrente. A Igreja está perplexa. Surgem os cristãos sem Igreja. Há um deslocamento das decisões em matéria religiosa para a esfera da subjetividade. Emerge um catolicismo cada vez mais fundado em escolhas pessoais.

Conseqüências para o mundo dos excluídos

O progresso e os avanços da técnica favorecem apenas 20% de privilegiados da população mundial. Os restantes 80% constituem o mar de pobreza, que rodeia as poucas ilhas de prosperidade. Entretanto, a "cultura do capitalismo" atinge a todos, despertando desejos irrealizáveis. Para a minoria privilegiada, até a crise atual é um bem, pois significa maior autonomia para a subjetividade e mais independência frente às instituições. Já para a maioria excluída, o distanciamento das instituições, não é de flutuação, mas de submersão e desamparo, pois não passam de subjetividades massificadas,

fragmentadas, massa sobrando, das quais prescindem os 20% de privilegiados. Para os excluídos, até as religiões institucionais, com seus inúmeros requisitos, são um luxo para a minoria. Resta-lhes viver da criatividade e da informalidade, “para fora” e “por baixo” das instituições. No plano social, o horizonte de saída são os movimentos sociais, as ONGs, as associações de bairro. No plano da fé, a alternativa é refugiar-se no pentecostalismo. Mas, não no pentecostalismo católico, institucional, luxo para poucos, e sim no evangélico. Ali se vai ‘de conversão em conversão’, ‘de Igreja em Igreja’. Não é espaço de emersão e inclusão na sociedade, mas ao menos resgata dignidade, dá auto-estima, incute senso moral e, sobretudo, infunde esperança e dá força para lutar.

5. Significado e transcendência de Conferências como a de Aparecida

Independentemente do texto que se produza, uma assembléia do porte da Conferência de Aparecida, sempre transcende não só o documento, como o próprio evento de sua realização. O texto não é tudo, pois, além do ‘durante’, toda Conferência tem um ‘antes’ (seu longo processo de preparação, envolvendo milhares de pessoas) e tem um ‘depois’ (a ação concreta, que se realizará a partir das diretrizes emanadas pelo documento produzido). É, neste contexto, que um texto por ela produzido deverá ser lido, interpretado e recebido.

O discernimento de respostas aos desafios pastorais do momento

O objetivo principal das Conferências dos Bispos do Continente é a preocupação com a missão. Esta foi a motivação principal de Dom Hélder Câmara e Dom Manuel Larraín, entre outros, quando idealizaram sua criação. Pesa sobre elas a complexa tarefa do discernimento de respostas pastorais aos desafios do momento. Assim aconteceu com as Conferências anteriores: para a do Rio de Janeiro (1955), o desafio era o catolicismo questionado pelo protestantismo; para Medellín (1968), era a fé cristã confrontada com a situação de extrema pobreza da maioria da população do Continente; para Puebla (1979), era a necessidade de uma Igreja “comunhão e participação”; e, para Santo Domingo (1992), foi a nova evangelização. Os frutos dependeram do acerto no diagnóstico e do empenho na aplicação das soluções propostas.

Propor-se a discernir respostas pastorais aos desafios do momento, significa admitir, com *Gaudium et Spes*, que “a Igreja não tem todas as respostas aos desafios do mundo de hoje” (GS 33). Ela se propõe a buscar junto com todas

as pessoas de boa vontade, mesmo com o privilégio de contar com a luz da revelação. A revelação não nos foi dada para ver a realidade. A revelação não anula e nem prescinde da razão. Ela é, antes, luz para julgá-la e para transformá-la. Dada a autonomia do temporal e da razão frente à fé, para ver a realidade, se necessita da sabedoria popular, das ciências e do discernimento comunitário, pois a história é opaca e o ser humano não conhece a não ser interpretando. Sem falar na complexidade dos problemas no mundo de hoje, que aponta sempre para uma trama de causas. A revelação nos dá respostas, mas, para que ela seja “palavra de salvação para nós, hoje”, como diz *Dei Verbum*, depende das perguntas com as quais vamos a ela.

Trata-se de discernir respostas a desafios pastorais não de ontem, mas, do momento. A Igreja quer prestar um serviço à humanidade e contribuir com a construção de um mundo justo e solidário, onde caibam todos, expressão do Reino de paz, de justiça e de amor. Este Reino tem uma dimensão imanente, histórica e, por isso, a ação da Igreja precisa ser relevante para o momento. Desta relevância dependem seu profetismo, dimensão essencial de sua missão, e o impacto de sua ação sobre a realidade, capaz de contribuir com sua transfiguração.

A busca de uma maior integração latino-americana

Por detrás de cada Conferência, está também a busca de uma maior integração latino-americana. Nos anos 50, quando elas nasceram, a Igreja dava-se conta da insuficiência dos nacionalismos. Mais tarde, o mundo globalizado lhe daria razão. Também a eficácia da ação evangelizadora depende da soma de esforços entre as Igrejas. A Igreja faz parte do mundo e existe para o mundo, para o seu serviço. O Povo de Deus peregrina com toda a humanidade e seu destino não é diferente do destino do gênero humano. Daí o imperativo de unir-se em torno à mesma fé e de sintonizar com as causas dos povos de nosso Continente, que não são diferentes das causas do Evangelho. Não há esperança em um mundo justo e solidário, sobretudo se os fracos não acreditarem na força dos fracos. Ao assumirem a causa dos mais pobres, se as Dioceses e as Conferências Episcopais Nacionais não estreitarem laços de colaboração, de buscas e esforços comuns, os excluídos se sentirão, também órfãos de Igreja, pois de sociedade já estão.

A integração latino-americana, pois, é um ideal evangélico, que abarca também o sócio-político. Estamos em um Continente uno e múltiplo. Uno pelo “substrato católico”, como diz Puebla; pela situação de pobreza da imensa maioria da população; pela injustiça estrutural, que cria uma sociedade excludente; por uma experiência religiosa nativa, portadora de uma profunda abertura ao outro e ao divino, etc. Mas, também múltiplo, pelo pluralismo cultural e religioso, pela diversidade de respostas a desafios comuns e pelos diferentes rostos da Igreja, nas distintas regiões.

A configuração de uma Igreja com rosto próprio

A Conferência de Aparecida se insere na curta, mas já sólida “tradição latino-americana”, configurada no período pós-conciliar, a partir da Conferência de Medellín. A I Conferência do Rio de Janeiro (1955), ainda que tenha criado o CELAM e feito um discernimento das necessidades pastorais do Continente, não foi um momento tipicamente latino-americano. Suas preocupações eram reflexo do projeto histórico da neocristandade ocidental, de reconquista dos católicos cooptados pelo movimento operário de cunho laicista ou socialista e pelo protestantismo e o espiritismo. É com Medellín, ao elaborar uma “recepção criativa” do Concílio Vaticano II, que começa a se processar a gradativa construção de uma Igreja autóctone. Embora tenha se defrontado com muitos impasses nas últimas duas décadas, essa construção não deixa de seguir seu curso.

O rosto próprio da Igreja na América Latina e o Caribe está sendo configurado: no novo modo de ser Igreja, que tem nas CEBs sua expressão maior; na evangélica opção pelos pobres, como caminho de construção de um mundo justo e solidário, onde caibam todos; no amor, até ao extremo de dar a própria vida, tal como testemunha o profetismo de nossa constelação de mártires; na reflexão teológica, questionada e desautorizada, mas que alimenta a prática dos cristãos comprometidos com outro mundo possível; na leitura popular da Bíblia, que ajuda a palavra de Deus ser salvação para nós hoje, etc. Dá-se o lento, mas irreversível processo de rompimento com o centralismo romano, com uma Igreja monocultural, reflexo do modelo eurocentrista.

A solicitude pastoral do ministério episcopal com a Igreja universal

Para além do diocesanismo e da Igreja Local como sucursal de uma suposta Igreja universal, está a vocação fundante do ministério episcopal da solicitude, dentro de um único colégio apostólico, no pastoreio de todo o gênero humano. Um bispo, ao ser ordenado, não é feito pastor somente dos católicos de sua Igreja Local, mas servidor e defensor da vida de todos, independente de credo, raça ou cultura. E, mais que isso, ele não é feito pastor somente para os que vivem dentro das fronteiras de sua Diocese, mas igualmente é chamado, juntamente com o colégio dos bispos, a servir a humanidade inteira, pois a salvação de Jesus Cristo é para todos. O Bispo de Roma é quem preside a unidade de todo um Colégio vocacionado à solicitude da Igreja universal, desde as Igrejas Locais. Por isso, quando uma Conferência de Bispos se reúne, não é para diminuir o poder do Papa, mas para contribuir com ele no serviço aos povos de uma determinada região. Aliás, conferências deste porte não são nenhuma concessão, muito menos uma novidade. Elas se inserem na legítima tradição da Igreja que, desde os seus primórdios, afrontou desafios, deu respostas pastorais e testemunhou

a solicitude com outras Igrejas, através de sínodos locais e regionais, bem como de concílios continentais e universais. Durante muito tempo, a Igreja manteve sua unidade na solicitude pastoral em torno ao primado de Roma, alicerçada numa Pentarquia, composta por cinco patriarcados – Jerusalém, Antioquia, Constantinopla, Alexandria e Roma. Os Bispos da América Latina e o Caribe, reunidos, fazem reviver uma tradição esquecida.

A modo de conclusão

Enquanto estiver se realizando a Conferência de Aparecida, estaremos trabalhando e rezando, para que os bispos e demais delegados reunidos, tenham a coragem necessária e as luzes do Espírito, para acolher os novos sinais dos tempos, presentes em nosso Continente. Sobre a Conferência de Aparecida repousa a esperança de que ela assuma a rica “tradição latino-americana”, recepção criativa do Concílio Vaticano II, e avance audaciosamente na busca de respostas às novas perguntas postas por nosso novo contexto. Esta esperança não pode ser defraudada, porque é a esperança dos pobres, que teimam em esperar contra toda esperança. Já são órfãos de sociedade. Oxalá não venham a ser também órfãos de Igreja. A “vida em abundância” – a causa de Jesus, é também a causa de seus seguidores, em uma Igreja corpo a serviço de Deus no mundo.

Agenor Brighenti é Doutor em Teologia, Professor no Instituto Teológico de Santa Catarina e na Universidade Pontifícia do México, Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e assessor teológico dos delegados da Igreja no Brasil na Conferência de Aparecida. Foi perito da Conferência de Santo Domingo (1992).

Endereço: Caixa Postal 5041
88040-970 Florianópolis – SC
e-mail: agenor.brighenti@itesc.org.br